

SÉRIE ANTROPOLOGIA

181

**INTERNET E A EMERGÊNCIA DA COMUNIDADE
IMAGINADA TRANSNACIONAL**

Gustavo Lins Ribeiro

**Brasília
1995**

INTERNET E A EMERGÊNCIA DA COMUNIDADE IMAGINADA TRANSNACIONAL¹

Gustavo Lins Ribeiro

Seis conjuntos de fatores criam as condições através das quais a transnacionalidade pode existir. São condições históricas, econômicas, tecnológicas, ideológico-simbólicas, sociais e rituais. Não as apresentarei aqui, pois já o fiz resumidamente em texto anterior (Ribeiro 1994). Há muitas indicações de que a transnacionalidade já existe ou está em processo de existir, virtual ou concretamente. Mas prefiro falar de condições da transnacionalidade em um sentido análogo àquele da discussão de David Harvey (1989) sobre a pós-modernidade.

Entre os seis conjuntos de condições, destacarei o simbólico-ideológico para explorar as implicações da transnacionalidade sobre **cultura e linguagem**. Não pretendo, dada a amplitude das questões envolvidas, enfocar todos os possíveis aspectos e problemas direta ou indiretamente relacionados.

Um número significativo de antropólogos e sociólogos está trabalhando explicitamente com transnacionalismo ou com globalização, fenômenos interrelacionados. Algumas das questões envolvidas são centrais para a compreensão do mundo contemporâneo e para as ciências sociais como um todo. Discussões sobre fragmentação de identidades, a emergência do espaço global fragmentado, os muitos arranjos polimórficos de interações e determinações entre fenômenos globais e locais, têm diferentes repercussões em estudos sobre identidade, integração, difusão, a divisão internacional do trabalho, teorias do sistema mundial, etc. Neste contexto, a dialética da homogeneização e da heterogeneização pode ser abordada através de perspectivas econômicas ou culturais, variando desde análises sobre o jogo de poder entre poderosas agências políticas e econômicas, até a circulação de mercadorias e da cultura **pop** internacionais com a política de signos que cria o sentido de **we are the world**.

Fundamental para avançar os debates em curso, é a consideração do que denomino a comunidade transnacional imaginada e virtual, em especial no que diz respeito a sua lógica simbólica interna.

São muitos os processos simbólicos e sociais que cooperam na formação da condição transnacional, vários já mencionados por autores como Sklair (1991), Appadurai (1991), Basch, Glick Schiller e Szanton Blanc (1994). Incluem a presença de agentes e práticas transnacionais, de processos de desterritorialização do Estado-nação e seus cidadãos, e de diferentes "paisagens" financeiras, étnicas, técnicas, midiáticas. Mas a base

1. Este texto baseia-se em trabalho originalmente apresentado na sessão **Repensando o Cultural: Além dos Imperialismos e Paroquialismos Culturais do Passado**, da 93ª Reunião da American Anthropological Association, Atlanta, 01 de Dezembro de 1994. Será publicado na revista **Estado e Sociedade**.

principal para a emergência da comunidade transnacional imaginada, ou melhor, a comunidade transnacional virtual, é a rede global de computadores. Benedict Anderson (1991) pode, retrospectivamente, mostrar quão importante foi o "capitalismo literário" na criação de uma comunidade imaginada que evoluiria para se tornar uma nação. Posso agora sugerir que o "capitalismo eletrônico-informático" é o ambiente necessário para o desenvolvimento de uma transnação.

Talvez o ponto de mudança mais impressionante na história recente dos computadores, tenha sido a sua transformação em poderosas máquinas de comunicação. Assim, primeiramente é necessário aprofundar a idéia das redes globais de computadores enquanto substrato da comunidade transnacional, sobretudo em relação à emergência de sua própria cultura e espaço frequentemente designados de cibercultura e ciberespaço.

Para Arturo Escobar (1994: 214) a cibercultura "refere-se especificamente a novas tecnologias em duas áreas: inteligência artificial (particularmente tecnologias de computação e informação) e biotecnologia". A difusão das novas tecnologias traz à luz dois regimes de sociabilidade: a tecnociabilidade e a biosociabilidade que "encarnam a consciência de que cada vez mais vivemos e nos fazemos em meios tecnobioculturais estruturados por novas formas de ciência e tecnologia" (idem). Já o ciberespaço "refere-se às redes e sistemas crescentes de meio-ambientes mediados por computador. Enquanto uma rede espacializada, mediada por computador, o ciberespaço é visto como capacitador de 'copresença completa e da interação de múltiplos usuários, permitindo **input** e **output** de e para todos os sentidos humanos, propiciando situações de realidades reais e virtuais, controle e coleta de dados à distância através da telepresença, e integração e intercomunicação totais com um espectro completo de produtos inteligentes e meio-ambientes no espaço real' (Novak 1991: 225)" (Escobar 1994: 216).

Inicialmente desenvolvida como parte de um projeto de defesa norte-americano, a Internet, a rede das redes, interconecta, no presente, algumas dezenas de milhões de pessoas em todo o mundo, tornando-se o mais poderoso meio transnacional de comunicação interativa. Já que o universo ou fronteira eletrônica está sempre expandindo-se, as possibilidades, uma vez mais na história humana, parecem infinitas. A realidade virtual agora existe em um mundo "paralelo", "**on-line**", uma espécie de universo hiperpós-moderno onde tempo, espaço, geografia e cultura são "não-existent" ou "não-importantes" (Escobar 1994, Laquey & Ryer 1994, Feenberg 1990).

Virtualidade é um conceito chave para entender o tipo de cultura da comunidade transnacional. Sensibilidade à virtualidade parece ser uma característica humana geral já que somos capazes de ser transportados simbolicamente para outros lugares, imaginando o que não está aqui e, mais ainda, de criar realidades a partir de estruturas que são puras abstrações antes de se tornarem fatos empíricos. Comunidades virtuais e seus aparelhos existiram antes das redes de computadores. Ouvintes de rádio, rádio-amadores, espectadores de cinema e telespectadores são parte destes grupos. Em realidade, um dos resultados do desenvolvimento tecnológico é o incremento quantitativo e qualitativo do universo virtual, algo que nos faz recordar as afirmações de Jean Baudrillard sobre a operação completa dos simulacros em nossos tempos.

Mas, como muitos membros de outras comunidades políticas imaginadas, os participantes da comunidade transnacional, especialmente seus ideólogos, tendem a ter opiniões hiperbólicas sobre o seu lugar no mundo real (veja-se, por exemplo, Laquey & Ryer 1994). Mentis desenraizadas e pessoas sem face agora comunicam-se em uma teia

descentralizada que cobre o planeta, dissolvendo espaço e tempo. Eles pensam o sistema como passível de ser manipulado livremente, uma vez que se esteja qualificado como "usuário" da nova ordem, da mesma forma, posso imaginar, como se sentiam as pessoas na pré-história da democracia burguesa e do mercado liberal. De fato, esta comunidade virtual, tão diversa quanto sua extensão planetária, compartilha, até agora muito mais de "sentimentos primordiais", laços característicos de novos Estados emergentes (Geertz 1963) sem grande desenvolvimento institucional, do que sentimentos civis próprios ao exercício da cidadania plena. Filhos do globalismo e da era da informática vêm a si mesmos gerando um novo mundo, uma situação mediada pela alta-tecnologia, onde acesso à rede transforma-se, ao mesmo tempo, em uma espécie de liberação pós-moderna e o experimentar de um novo meio democrático que capacita as pessoas a inundar o sistema mundial com informações controladoras dos abusos dos poderosos. Organizações não-governamentais em todos os recantos enaltecem este potencial de liberação.

Contudo, o que as ONGs e outros membros desta comunidade não vêem é que toda inovação tecnológica é ambígua, contendo tanto um potencial de utopia quanto de distopia (Feenberg 1990). Certamente, a cultura da rede, com seus códigos, protocolos e emergentes estilos literários, supõe a existência de uma linguagem e de acesso a ela, isto é, de uma "competência linguística", algo que, como notou Bourdieu (1983: 161 e seguintes), não pode ser separado de análises de poder. Quem fala, para quem, através de que meio e em que circunstâncias construídas, são elementos vitais de qualquer processo comunicativo.

Mais além das formas sutis de exercício de micro-poder baseadas na competência individual, encontra-se o surgimento de novos fetiches e sistemas de poder, do "corpo ligado" (**wired body**), daquilo que um dos mais provocativos analistas da contemporaneidade e de suas tendências, o cientista político canadense Arthur Kroker, chama de a "classe virtual". Sua retórica quase-delirante e sua hiper-crítica por vezes reificante do tecno-poder à parte, Kroker (1994), em parceria com Michael A. Weinstein, são ácidos demolidores do ciberautoritarismo e da histeria criada pela tecnopia, em prol dos controladores da Internet, espaço privilegiado do exercício do poder da classe virtual, a versão da classe dominante na era eletrônico-informática. Formada principalmente por "capitalistas puros" mais "capitalistas visionários especialistas em computadores", e baseada na indústria de comunicação, esta classe procura, uma vez instalada a força do movimento da fronteira eletrônica em expansão, lotear o ciberespaço para fins de acumulação capitalista e controle político. O que está em jogo é uma competição por direitos de propriedade intelectual. As possibilidades democráticas da Internet são a sedução inicial para a construção da **superhighway** digital (o "privilegiado monopólio da comunicação global de dados") e para a subordinação da rede aos "interesses comerciais predatórios" da classe virtual.

Uma luta ferrenha está em curso na Internet entre a classe virtual e os seus opositores. Para Kroker e Weinstein o "corpo desligado", (**wireless body**) ou o "corpo hiper-textualizado" (**hyper-texted body**), é o locus do maior conflito ético e político do final do século XX. Espécie de resíduo humanista no universo do fetiche cibernético, o "corpo desligado", ou "sem fio", é "um campo em movimento de contestação estética para o remapeamento do império galático da tecnopia" (1994: 17). Mais ainda, o "corpo hiper-textualizado responde ao desafio da virtualização transformando-se ele mesmo em um duplo monstruoso: pura virtualidade/pura carne humana. Em consequência eis o nosso futuro telemático: o corpo sem fio na Rede como um chip sequenciado micro-programado pela

classe virtual para os propósitos de (sua) máxima rentabilidade, ou o corpo sem fio como o ponto avançado da subjetividade crítica no século XXI" (1994: 18).

Ao interesse por compreender a influência da computação na construção da subjetividade e na emergência de novas formas de capitalismo e poder, soma-se o de compreender seus impactos nos estilos de escrever e na capacidade de comunicação, atraindo, assim, a atenção de linguistas e críticos literários. George P. Landow (1994: 2), por exemplo, baseando-se inicialmente nas mudanças de paradigmas de Jacques Derrida, Theodor Nelson, Roland Barthes e Van Dan, concorda com o abandono "de sistemas conceituais fundados em idéias de centro, margem, hierarquia, e linearidade" por sistemas de "multilinearidade, nós, elos e redes". De acordo com Landow, "quase todas as partes envolvidas nesta mudança de paradigma, que marca uma revolução no pensamento humano, vêm a escrita eletrônica como uma resposta direta às potencialidades e fraquezas do livro impresso. Esta resposta tem profundas implicações para a literatura, educação e política" (1992: 2-3). Citando Barthes, Foucault e Nelson, Landow define o hipertexto como "um bloco de palavras (ou imagens) ligadas eletronicamente por múltiplos caminhos, cadeias ou trilhas, em uma textualidade aberta, perpetuamente incompleta", "um nó dentro de uma rede ... uma rede de referências", "escrita não-sequencial - texto que se ramifica e permite escolhas ao leitor, sendo melhor lido em uma tela interativa", "incluindo informação visual, som, animação e outras formas de dados" (1992: 3-4).

Este novo meio promove alterações radicais nas funções de autor e leitor. Igualmente promove mudanças nas relações professor/aluno possibilitando o acesso maleável a inúmeras e decentradas fontes de informação que podem ser manipuladas pelo estudante sem a mediação da autoridade do professor. O poder acadêmico e suas relações internas, as normas pedagógicas, de acesso e uso linear e sequencial da informação, a definição de produtores e consumidores de conhecimento e informação, a indústria editorial, vários tipos de hierarquias de status e poder encontram-se diante de um desafio frequentemente comparado àquele representado pela revolução de Gutemberg. Mais uma vez, defrontamo-nos com a relação tecnologia/poder. Landow é otimista, para ele a "história da tecnologia da informação revela uma crescente democratização ou disseminação de poder" (1992: 174). É fato que a difusão de informações democratiza o acesso a poder. Contudo, se considerarmos que o livro, a instituição do ensino público gratuito, a emergência e desenvolvimento dos meios de comunicação de massas, não destruíram as profundas desigualdades sociais existentes nem os abusos de poder, pode-se supor que redes de hiper-textos baseadas na ilusão da interação e da disponibilidade ilimitada de informações tampouco representarão uma panacéia libertária.

Vista como um meio transnacional de comunicação, a Internet também levanta a interessante questão sobre o surgimento de uma "linguagem internacional auxiliar", para dizê-lo como Edward Sapir em 1931. Sapir estava interessado na criação de uma "linguagem natural construída", algo próximo ao esperanto, pois reconhecia que a transformação de uma dada língua nacional em meio internacional de troca linguística, se chocava com diferentes susceptibilidades nacionais. Porém, hoje, muito mais do que em 1931, o inglês pode ser tido como o créole do sistema mundial e, internamente à Internet, provê a base sobre a qual se levantam as próprias estruturas gramaticais e léxicas da rede. Sapir já sugeria a construção de uma língua próxima ao "simbolismo matemático" que fosse "em algum sentido uma criação de todos ... igualmente estranha, ou aparentemente isto, para as tradições de todas as nacionalidades", que não pudesse "ser interpretada como

o símbolo de nenhum localismo ou nacionalidade", que fosse "tão simples, regular, lógica e criativa quanto possível; uma língua que comece com um mínimo de demandas sobre a capacidade de aprendizagem de um indivíduo normal e possa realizar o máximo de trabalho; que esteja destinada a servir como uma espécie de pedra de toque para todas as línguas nacionais e um meio standard de tradução" (Sapir 1956: 48, 49, 50, 51). A existência hoje do inglês-de-computador, um creóle transnacional que não destruirá as muitas outras línguas nacionais, não satisfaz todas as expectativas de Sapir mas se aproxima bastante de outra de suas afirmações: "é ótimo que a idéia de uma língua internacional não seja mais apresentada em termos meramente idealistas, mas esteja cada vez mais tomando o aspecto de um problema prático e tecnológico e de um exercício de depuração do processo de pensar" (1956: 63-64). Neste contexto, no entanto, pode-se imaginar dois prováveis cenários. Um deles onde o inglês se autonomize como a língua da Internet, impulsionado também por outros fenômenos de globalização como a expansão das TVs à cabo, da cultura **pop** de massa hegemônica pela produção norte-americana e pela consolidação da função comercial, militar e diplomática daquele idioma. O outro onde o "computadorês" se autonomize, impulsionado pelo avanço de **softwares** de fácil manejo, baseando-se principalmente no uso de ícones.

Talvez seja uma característica comum às comunidades imaginadas dar a impressão de que todos são iguais, uma vez qualificados com a necessária competência. Contudo, sob o protótipo da transação pode-se encontrar o protótipo do primeiro transtado. A Internet não é a imagem e semelhança de um mercado livre, liberal, sem controle ou propenso apenas à manipulação individual. Embora deveríamos explorar a idéia de um controle descentralizado, pode-se argumentar que a rede é controlada por uma "hierarquia de conexão", cujo ponto mais alto localiza-se no Estado americano, na **National Science Foundation** ou em agências de segurança que poderão sempre exercer seu poder eletrônico. Para ilustrar como o poder de novas tecnologias de roupagem liberal continuam refletindo desigualdades no plano internacional, basta mencionar que "toda a informação da Internet no Brasil, por exemplo, passa por um 'nó' da rede nos EUA, o laboratório Fermilab (Illinois). Este nó faz a distribuição da informação para o resto do mundo" (Silvestre Jr., 1994: 16). Fatores mais prosaicos, alguns já aventados, limitam o acesso a esta "democracia" global: o custo dos computadores, equipamentos e serviços correlatos; educação; conhecimento da língua inglesa; acesso e conhecimento dos códigos da rede; o controle do sistema em funcionamento por diversos centros de processamento de dados.

A consolidação de uma comunidade transnacional necessita avançar na direção de uma discussão política sobre o exercício da democracia em escala global sem desconhecer as disparidades no jogo de poder vigente internamente ao sistema mundial, nem as novas tecnologias e sociabilidades por elas engendradas com seus novos fetiches e ilusões.

Em suma, transnacionalidade traz as seguintes questões para o foco central da discussão sobre cultura, questões que só podem ser tratadas admitindo-se a existência da comunidade transnacional virtual e imaginada: virtualidade e o seu papel em processos de comunicação e nos aspectos da construção de subjetividades influenciados pela troca de

informação; a emergência do inglês-de-computador como língua transnacional e **créole** do sistema mundial. Evidentemente outros fatores paralelos e interrelacionados necessitam ser considerados. Entre eles encontram-se processos de desterritorialização e fragmentação de identidades, a perda de eficácia de formas de representar a relação entre território e pertencimento sócio-político-cultural, juntamente com a transformação ritual da comunidade transnacional virtual e imaginada em comunidades reais, temporárias, como ocorre em mega ritos de passagem do sistema mundial como os grandes concertos de rock ou as conferências da ONU.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, Benedict. 1991. *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism*. Revised ed. London: Verso.
- Appadurai, Arjun. 1991. Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology" In Richard Fox (org.), *Recapturing Anthropology. Working in the Present*. Santa Fe. School of American Research Press, 191-210.
- Basch, Linda & Nina Glick Schiller, Cristina Szanton Blanc. 1994. *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Langhorne, Gordon & Breach.
- Bourdieu, Pierre. 1983. (1977) "A Economia das Trocas Linguísticas". In Renato Ortiz (ed.), *Pierre Bourdieu*. São Paulo Editora Ática.
- Escobar, Arturo. 1994. "Welcome to Cyberia: Notes on the Anthropology of Cyberculture". *Current Anthropology* 35: 211-231.
- Feenberg, Andrew. 1990. "Post-Industrial Discourses", *Theory and Society* 19 (6): 709-737.
- Geertz, Clifford. 1963. "The Integrative Revolution. Primordial Sentiments and Civil Politics in the New States". In Clifford Geertz (ed.) *Old Societies and New States. The quest for modernity in Asia and Africa*. New York. The Free Press, pp 105-157.
- Harvey, David. 1989. *The Condition of Post-Modernity*. Oxford. Basil Blackwell.
- Kroker, Arthur & Michael A. Weinstein. 1994. *Data Trash. The theory of the virtual class*. New York. St. Martin's Press.
- Landow, George P. 1992. *Hypertext. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. Baltimore & London. The Johns Hopkins University Press.
- Laquey, Tracy & Jeanne C. Ryer. 1994. *O Manual da Internet. Um Guia Introductório para acesso às redes globais*. Rio de Janeiro. Editora Campus.
- Novak, Marcos. 1992. "Liquid architecture in cyberspace". In M. Benedikt, *Cyberspace: the first steps*. Cambridge. M.I.T. Press. pp. 225-254.

Ribeiro, Gustavo Lins .1994. The Condition of Transnationality. *Série Antropologia* no. 173. Universidade de Brasília.

Sapir, Edward. 1956. (1931) "The Function of an International Auxiliary Language". In *Culture, Language and Personality*. Berkeley. University of California Press. pp 45-64.

Silvestre Jr., Paulo Fernando. 1994. "A Rede de Influência na Internet". *Mais! Folha de São Paulo*, 22 de janeiro de 1995.

Sklair, Leslie. 1991. *Sociology of the Global System*. Baltimore. The Johns Hopkins University Press.